

—

83

A Convocatória

—

89

A Vesícula da Poesia

—

91

As Mãos

—

107

O Sonho

—

111

O Exilado

—

133

Naufrágio

—

139

Os Amigos

—

149

Sacrilégio

—

159

Alegações Finais

ÍNDICE

9

Quartos de Final

—

19

Bons Costumes

—

27

Pêndulos

—

31

Inácio às 19h00

—

41

Uma Visita

—

51

Desencontro

—

59

Requerimento

—

65

Penas

—

71

Parapagus Diprosopus

QUARTOS DE FINAL

Quando era criança e, no seu quarto, olhando-se nos olhos, fantasiava com esse momento, combinava e recombina-va consigo mesma que, quando fosse crescida e estivesse efetivamente a viver o instante, piscaria o olho desde o futuro por detrás do espelho à criança que tinha sido, e esta diria:

— Sê feliz, Olga.

E disse-o realmente, com a sua voz de menina, provocando o desconcerto do padre que lhe perguntava se aceitava o futuro esposo. O noivo sorriu-lhe com ar indagador. E ela sentiu-a dolorosamente, a felicidade prometida. A ventura excessiva, que o peito esquelético não conseguia abarcar, entornou-se num pranto copioso. Logo abaixo da aliança que recebia, as falanges elásticas dos dedos jovens convidavam-na agora, tal como o espelho da infância, a largar uma mensagem no mar do tempo para voltar a apanhá-la mais à frente, com falanges amarelecidas e artríticas.

— Sê feliz, Olga — diria a jovem que se casava agora para essoutra.

Mas teria ainda de reflectir sobre quando seria esse momento futuro, porque os sonhos anteriores terminavam no instante presente, e ainda não tivera tempo de conceber outros.

Na limusina alugada, continuava absorta nos dedos, encostada ao ombro do marido que, denotando distração e falta de assesto, a apalpava por debaixo do vestido. Ajeitou-se no banco em seu auxílio, compreendendo que a esperava uma noite de núpcias sofrível. Mas não se importava porque o amava realmente. Que coisas fervilhariam dentro daquele homem absorvido no mundo para lá da janela do automóvel e que a dedilhava como um guitarrista desalentado? Sorriu à ternura que lhe despertava esse alheamento, como uma coisa benigna, denunciadora de um universo interior oculto, fervilhante e rico.

No copo-d'água chegou a senti-lo muito próximo, nas pisadelas de uma valsa tropeçante em redor do salão, no riso idêntico ao do Verão em que, com os arrancos do amor, tinham deitado a tenda por terra, nos beijos trocados em resposta ao ribombar reivindicativo dos talheres, na cópula atarantada e entusiasta nos sanitários das senhoras.

Mas, por altura das tábuas de queijos, ele como que lhe fugiu, sem, no entanto, desgarrar a mão da sua por debaixo da mesa, e sem nunca parar de lhe sorrir. Parecia ter partido para longe, deixando em seu lugar uma réplica perfeita, de comportamento irrepreensível, mas de olhos ausentes.

Ela confrontou-o com a estranheza que via no seu rosto, pediu-lhe que se explicasse, que se abrisse, que confiasse nela. Chamou-o à parte, insistiu, implorou, chorou nos seus braços um choro de derrota, continuando ignorante dos porquês do seu estranho estado de espírito, mas querendo acreditar que ele tinha razão, que ela desvairava com a excitação do dia, que imaginava coisas.

De novo à mesa, sorrindo a custo para os convidados que se acercavam, identificou na garganta, a meio de uma garfada, o tumor dos tempos maus anteriores a conhecê-lo, as metástases feitas de nada, tédio e solidão asfixiando e matando as horas

dentro de si, horas cujo obituário lera diariamente nas paredes, anos afora, em calendários medonhos com arranjos florais.

A determinada altura, julgou ter interceptado um olhar dilatado, carregado de significado oculto, entre o marido e um dos convidados. Mas, no decorrer do *karaoke*, tornou-se patente que todos os homens se entreolhavam e se acenavam num código misterioso, de forma cada vez mais urgente.

Viu então o seu pai apressando um empregado a caminho de uns cortinados adamascados. Pouco depois, como numa reviravolta de prestidigitação, surgiu por detrás deles um ecrã de plasma em toda a sua glória, e, à ovação dos adeptos no estádio, juntou-se a ovação dos comensais.

Olga viu finalmente o olhar perdido do marido encontrar no futebol um ponto de apoio, fundear-se e repousar, como que chegar a casa. Ergueu-se e foi aos lavabos.

Sentada na tampa da sanita, tirou da bolsa uma pequena caixa, e, de dentro dela, uma lâmina de barbear. Baixou o vestido, hesitou na contemplação do corpo pálido e marcado, escolheu uma zona virgem imediatamente acima do umbigo, infligiu-se um golpe longo, recto, de profundidade certa, e a dor trouxe-a de volta a si como tinha visto há uns instantes o jogo fazer com o marido.

No salão da festa, encontrou a mãe em frente ao plasma desligado, a combater sozinha um grupo de homens amotinados. Olga foi requestar um empregado e voltou com uma solução. Numa pequena sala contígua havia um televisor, e os convidados interessados poderiam ir-se revezando na sua contemplação, em pequenos grupos, sem urros e sem deixarem de participar na celebração que os havia unido ali: a festa de casamento. Os homens anuíram.

O marido não estava à mesa. Olga rodeou a banca dos mariscos e foi encostar-se à ombreira da salinha onde ele, de punhos cerrados, instigava os jogadores com palavras ternas e rudes,

à semelhança do que fazia com ela na cama. Erguendo os olhos, ele encarou-a num sobressalto momentâneo, e depois estendeu-lhe os braços num convite. Ela avançou, sentou-se no colo dele, aninhou-se de encontro ao seu peito, e permitiu-lhe o manipular alheado de um seio, gesto no qual os outros homens presentes se mostraram mais atentos do que ele próprio. A vastidão daquele peito ampliava desconfortavelmente os bramidos de entusiasmo aficionado, e ela, desconfortável, libertou-se e dirigiu-se para a porta, voltando a olhá-lo da ombreira. O marido hasteou-lhe um indicador solitário, mostrou-o no lado da unha e da polpa, fê-lo recuar e brandiu-o de novo. Apontou-o ainda com a outra mão, garantindo assim, resolutamente, que aquele dedo correspondia ao minuto único de atenção que dispensaria àquele jogo, fundamentando a sua importância.

— São os quartos de final.

Olga saiu para a noite de Verão e, a custo nos saltos altos, marchou pela vereda de gravilha ao longo do jardim até ao lago numa pensativa e incerta passada nupcial. Sapos e grilos davam um concerto alvoroçado que, de olhos fechados, se tornava um outro e mais profundo modo de silêncio.

A criança que a esperava na superfície espelhada do lago, ténue e desfocada pela escassa luz, pelo muito tempo e pelas lágrimas, surgiu-lhe, ainda assim, de forma muito clara, infinitamente triste, como que mortalmente ferida. Quando a tentou alcançar, desfez-se em anéis ondulantes.

Baixou o vestido e escolheu um local já maculado, duro de cicatrizes, sobre o coração, para se golpear, para tentar que ele parasse de escoicear daquela maneira atroz. Abusou um pouco, para que a mensagem chegasse claramente às profundezas do sangue, e ele, aferrado ao hábito de pulsar, obedecesse.

Fechou novamente os olhos, enquanto a humidade da relva desvendava o caminho até à pele através do vestido. Depois de

sapos e grilos se metamorfosearem em silêncio, pôde escutar distintamente o acordar de uma flor nocturna, um rumor de larvas, o doce putrefazer da noite em húmus.

E então ouviu um restolhar na gravilha, ténue, mas crescente, anunciando uma aproximação enérgica atrás de si. Erguendo-se, notou um arquejo de esperança no túmulo do peito. Lembrou por um momento os atractivos do homem com quem acabara de se casar: o hábito de lhe morder a nuca numa cerimónia de acasalamento muito semelhante à dos gatos, a aceitação plena com que acatava a enumeração dos seus sonhos, o pêlo emaranhado do seu peito, a placidez sem queixume com que a deixava cantar durante horas nas viagens de carro, as veias salientes dos antebraços que a faziam sonhar com rios nos embalos do amor. Os passos tornaram-se mais próximos, e ela, mirando os reflexos da Lua na água, esperou o toque no ombro para se voltar com olhos lânguidos.

O pai trazia uma expressão que, na pouca luz, ela adivinhou ser de compaixão. Fez-lhe uma festa no rosto e abraçou-a. Pediu-lhe que regressasse à festa, que estava frio, disse-lhe o quanto achava uma desconsideração a atitude do marido, apesar de estarmos a ganhar 5 a 0, está ali todo entusiasmado por este massacre estar a ser feito com um jogador a menos, expulsaram-nos um por nada logo no início, mas ele ali sentado a ver o jogo e tu aqui ao frio, nem dá para acreditar, parece que a outra equipa está a dormir, anda, segura-me o braço, digo-te uma coisa, filha, isto continua assim depois do intervalo, e desta data ninguém se vai esquecer.

O marido açoitava os arbustos perto da entrada com um pau, dando pontapés no ar e falando expansivamente com um amigo. Quando a viu chegar com o sogro, correu na sua direcção.

– Procurei-te por toda a parte – disse, beijando-a.

Olga olhou-o nos olhos.

– Se isto continua assim depois do intervalo – informou-o placidamente –, desta data ninguém se vai esquecer.

O marido sorriu, habituado a desconhecer o sentido das suas palavras.

Voltaram para dentro, e o *catering* avisou que estava na hora de cortar o bolo. Fizeram-no, bebendo intermitentemente champanhe, de braços entrelaçados diante de um fotógrafo corcovado de entusiasmo. Pouco depois, interrompendo um momento de serena sobremesa, troou um coro de consternação vindo da salinha da televisão.

– Levámos um – lastimou o marido, continuando, no entanto, sentado, e servindo-se de outra fatia de bolo.

Logo o coro recrudescceu de desalento, e ele encolheu os ombros.

– Ainda lhes enfiámos mais três – minimizou.

Mas principiou a remexer-se na cadeira. Quando ecoou um terceiro vagido de indignação, ele chupou os dedos, mostrou-os besuntados, apontou os guardanapos inutilizados mais próximos e levantou-se.

O quarto lamento em uníssono teve a força de uma intimação, porque pareceu a Olga que toda a gente, homens e mulheres, corriam a averiguar o sucedido, acotovelando-se em redor da salinha. Ela permaneceu sentada, sentindo a enchente, o avançar e recuar das vagas de voz na sala, os afluxos de aflição de aproximação à baliza, os refluxos de alívio do contra-ataque. Tirou a lâmina da caixa e brincou com ela girando-a nos dedos, porque lhe ocorreu que seria interessante verificar se alguém reparava no que fazia.

Voltando a guardá-la, atravessou o salão na direcção do *hall* e chamou o elevador. Acometia-a uma necessidade súbita e urgente de sair daquele vestido. No quarto, despiu-se, deitou na sanita os lenços de papel empapados que tinham protegido o seu sangue de olhares curiosos, mudou para os *jeans*, *t-shirt* e ténis com que deveria ir para o aeroporto no dia seguinte, a caminho da lua-de-mel. O conteúdo da sua bolsinha de missangas passou para os bolsos.

Depois de desfeito o penteado e lavada a cara frente a um espelho que não reflectia qualquer futuro em particular, parou por um momento, observando, com uma estranha sensação de horror, as pétalas de rosas vermelhas que a empresa de organização de eventos contratada espalhara sobre a cama. Voltou a descer e hesitou entre voltar ao salão ou sair novamente para a noite. Um berro em uníssono expressando um golo fê-la decidir-se pela segunda hipótese.

Junto à saída, um dos empregados fumava. Pareceu a Olga extraordinariamente descontraído, encostado à parede, partilhando a luz do candeeiro com um enxame multiforme de insectos, enchendo a boca de fumo antes de o inspirar sem pressa e desprendendo-o ainda mais lentamente em volutas azuis. Ele estendeu-lhe o maço, e ela hesitou.

— Não vai ver o jogo? — perguntou ao homem.

— O meu país joga amanhã — explicou ele numa pronúncia reconhecível. — São os quartos de final.

Ela aceitou o cigarro.

— Você não é do casamento — inquiriu ele em tom afirmativo, mirando-lhe a roupa casual.

— Não — confirmou ela.

Quando iam já em busca da privacidade do WC, o padrinho do noivo vinha em sentido contrário. O álcool que ingerira ao longo do dia e a pressa que denotava no mediar da discórdia entre a fralda da camisa e a braguilha a caminho do jogo, teriam tornado a noiva à civil perfeitamente invisível para si. Mas, num assomo de inspiração quase em absoluto independente da sua vontade, Olga ouviu-se perguntar-lhe.

— Em quanto vai o jogo?

— Estamos empatados — respondeu, distraído, com o vago reconhecimento de que era ela, e oscilou os olhos pequenos e confusos na averiguação da mão dada com o empregado, verificando depois a entrada de ambos nos lavabos das senhoras.

Olga beijou o homem, desapertou-lhe o laço profissional e a camisa, e iniciou uns paulatinos preliminares, acotovelando o autoclismo, confiada numa interrupção. Mas algo aconteceu entretanto. Inesperada e furtivamente, o desejo acometeu-a, os dedos escorregaram devagar reconhecendo na polpa um prazer pungente e imprevisto, a língua encontrou a carne como uma surpresa de sal, farejou o odor dele de forma crescentemente ávida, crendo reconhecer o sândalo e o almíscar de um lar ancestral tão querido e distante que a fez desejar a morte enquanto a deixava entrever o sentido da vida. Foi arrancada à força desse arrebatamento para uma posição bípede, sentiu-se penetrada pelas hostes invencíveis da esperança contra a solidão, abandonou-se a um impetuoso gozo de fêmea, quase demolindo o cubículo de contraplacado num esforço de músculos exagerado, e foi crescendo nela um grito primordial que ele intuiu, porque lho calou com os dedos enterrados fundo na boca.

Acabava de naufragar-lhe no peito, onde estrepitava o eco fantasma da felicidade possível, quando se ouviram as pancadas na porta.

— É melhor ires-te embora — disse ela em surdina, passando os dedos no cabelo do homem como quem acena do convés de um navio que parte para sempre. — É o meu marido.

Ele fê-lo, confuso, e os noivos dessa manhã ficaram sozinhos no WC.

— Mas que merda é que estás a fazer — disse o marido sem pontuação interrogativa.

— A conseguir a tua atenção? — respondeu ela, perguntando.

— Anda, vamos — concluiu ele, chamando-a num gesto brusco e avançando um ombro para a porta.

— «Anda, vamos»? — bisou Olga, esquecendo-se de exalar o ar que tinha inspirado.

— Falamos noutra altura. Aqui não é o sítio nem o momento.

— Para comer o empregado também não — argumentou ela.

Viu o marido petrificar o olhar num azulejo partido ao lado dos lavatórios, cerrar os punhos e ficar lívido, como que mortalmente ferido, mas um momento desfasado do que seria uma reacção normal ao comentário, o equivalente mímico de uma má dobragem numa novela.

Então vislumbrou o fio saindo despercebidamente da orelha dele, desaparecendo no colarinho e reaparecendo sub-repticiamente junto ao pulso, e compreendeu. Adivinhou o pequeno aparato tecnológico oculto na palma da sua mão fechada, e a monocórdica mas estridente voz do comentador desportivo. A lâmina na caixinha dentro do seu bolso começou a pulsar horripelantemente, como uma coisa viva, e ela ponderou que é possível morrer-se de ódio.

Tivesses tu concordado em seguir o carro com o farol partido, e tínhamos passado ao largo desta merda toda, a esta hora já estávamos em casa. Vá, escreve aí, relatório da ocorrência, tal, tal, tal. Às tantas horas, entrámos nos lavabos ao mesmo tempo que os da ambulância. Havia sangue por todo o lado. Os da ambulância levaram a noiva para ser cosida. Ao noivo, não haveria linha capaz de o coser. Mas não escrevas isso assim. Declaram-no morto. Nos depoimentos que recolhemos, começaram por nos dizer que a noiva se cortava e que andava com uma lâmina. Por isso, devia ser a principal suspeita. Mas depois vieram os empregados dizer-nos que o noivo não parava de ajeitar e esconder qualquer coisa na mão a caminho da casa de banho, onde até a léguas se percebia que a noiva estava a fazer porcarias com outro homem. O que lhe dá um motivo e pêras. De qualquer maneira, não se tinha encontrado a arma do crime por altura em que chegou a Judiciária e nos mandou embora. Mas não escrevas isso assim.

Olha, isto está às três pancadas, começa outra vez. Relatório da ocorrência, tal, tal, tal. Digo-te uma coisa, pelo menos o morto

não teve o desgosto de saber que ficámos fora do campeonato. E da maneira como começámos a atacar em força, depois daquela tremenda injustiça, quando a bola bateu por acidente na mão do número 7 e o pulha do árbitro assinalou grande penalidade e o expulsou. Um a menos, e nós ali sempre a marcar, pimba, pimba, toma que já almoçaste. Foi lindo. Depois, quando os outros lá acordaram, e nós com um a menos, o que podíamos fazer? Aquela grande penalidade lixou-nos a vida para sempre.

BONS COSTUMES

Maria acordou sobressaltada no grande e confortável leito de viúva. Soltou um esconjuro em voz alta, mas não se encolheu para não dar esse gosto a quem ou o que quer que fosse, deste mundo ou de outro, que pudesse estar a observá-la. Seria uma ocasião solene, a morte, se viesse agora, e mais valia fingir que se ia por gosto do que dar parte fraca. Ficou de costas, como estava, recolheu os fios de prata da rala e comprida cabeleira, espaiada e emaranhada nos ferros da cama, para manter, dentro do possível, tudo de seu perto de si, e ficou a pensar se seria possível ter sonhado. Principiou a tactear-se por debaixo do cobertor e da camisa de flanela. Em quase nove décadas de existência nunca havia sonhado, nem uma só vez, e, algures no tempo, convencera-se de que um sonho a despropósito só viria como prenúncio da morte iminente. Percorreu o externo raiado de costelas com os dedos, recolheu e depositou cuidadosamente sobre elas os seios que pendiam para o lado. Não se recordava de sonho algum, mas recordava-se de alguém lhe ter garantido ser possível sonhar sem que nos recordemos. Continuou a tactear a massa informe do ventre e os ilíacos esfomeados. O corpo confortava-se com

o toque das mãos, mas as mãos tomavam-se de pânico no absurdo das protuberâncias duras e das pelancas moles, naquela estrutura estranha que costumava ser o seu corpo mas que principiava a não lhe parecer uma habitação segura para o seu ser. Postos à frente dos olhos, também aqueles emaranhados selvagens de veias azuis deixavam de ser mãos e de ser suas para se juntarem à restante carne amotinada que ameaçava desalojá-la.

A morte bateu à porta no ritmo do santo-e-senha, e surgiu desdobrada em três agasalhadas vizinhas que, em coro, se queixaram do frio. Vinham anunciar que Adelaide estava a expirar. Agoniava no leito de morte, já exangue, já confessada. A vida ainda não a abandonara por completo, mas bem podiam ir andando para estarem lá a tempo de aparar com orações a alma recém-catapultada para fora do corpo.

Maria considerou que, nessa noite, a morte tinha, então, num momento de confusão, entrado em sua casa e voltado o seu corpo do direito e do avesso, antes de perceber que estava no número certo da rua errada. Um coração plenamente seu e funcional principiou a ressoar por toda a nave perfeitamente estanque da vida, e ela apressou-se a caminho do guarda-fatos.

Já no quarto de Adelaide, as mulheres rezaram com afinco durante horas, mas, a meio da noite, a devoção dispensada à agonizante diminuiu substancialmente, e a depositária de todas as atenções passou a ser a lata de bolachas sobre a cómoda. Parecia tacitamente decidido que comer, naquelas circunstâncias, era de mau tom, uma vez que toda a gente tardava em dar o primeiro passo, mas, por outro lado, os estômagos grunhiam em uníssono.

De tempos a tempos, a moribunda tinha-se convulsionado, a boca mobilizada na repetição da primeira sílaba muda de uma revelação derradeira, os olhos revirados até ao limiar da pálpebra, como um anfitrião demorando a visita à porta, num agradecimento final, antes de a remeter para a noite. Soltara por várias

vezes um suspiro ruidoso, dilatado, terminal. A estas falsas partidas, seguia-se um silêncio perscrutador das presentes, um comentário optimista dito baixinho, seguido de um sobressalto colectivo quando a morrente vinha à tona para aspirar mais uma golfada de ar desesperada. Viam-na, então, acalmar e ficar a boiar placidamente no limiar entre o cimo gasoso da vida e o fundo aquoso do seu inverso.

Das primeiras vezes isto foi francamente impressionante, fez recrudescer as orações e compeliu ao choro, que parava quando se percebia prematuro, para não perturbar mais a futura morta. Mas a continuada repetição desta ocorrência não só já não suscitava a mesma perturbação, como, de certa forma, anulava, em retrospectiva, a comoção anterior.

A certa altura, uma das carpideiras mais jovens avançou resolutamente para a lata de bolachas e abanou-a um pouco. O chocalhar foi audível e promissor, e ela, após um olhar indagador em volta, aferrou-se à tampa tentando arrancá-la com as unhas. Depois de alguns momentos de luta inoperante, alguém lha veio arrancar das mãos para mostrar como se fazia, e ficou-se no mesmo esforço inglório, bufando, até ser rendida por sua vez.

A fome, uma vez assumida, tornou-se uma coisa autónoma, viva, tensa, e as mulheres revezavam-se com ódio pelo objecto e pela inépcia das outras, uns empecilhos.

Uma mulher grande de antebraços heróicos avançou então como se para comandar uma chacina, prendeu a lata debaixo de uma axila e, num gesto só, decapitou o topo.

Foi prolongado o silêncio em que permaneceram a contemplar o conteúdo do recipiente. Inúmeros postais antigos, alguns com o canto do selo cortado, haviam congeminado entre si para produzir um ruído apetecível de encontro ao metal, tantalizante, e agora arreganhavam a caligrafia velha numa mofa colectiva. Dois dos postais fizeram uma pirueta sincronizada e aterraram mostrando

duas paisagens diferentes de um mesmo mar distante, cuja existência não interessava ali a ninguém.

Adelaide não partiu nessa noite ou nas noites seguintes. Parecia determinada a demorar-se para nada naquele corpo onde dois pulmões se entretinham a insuflar-lhe uma vida supérflua.

O médico recebeu novo chamamento pela demora da morte. De lanterninha na mão, espreitou para o fundo negro e insondável das pupilas de Adelaide e fez um gesto querendo significar que era escusado.

— É Ele quem acerta o relógio — disse, apontando o tecto às carpideiras.

O padre, à terceira extrema-unção, procurava a resposta ao mistério nas mesmas imponderáveis pupilas. Encolhendo os ombros, foi igualmente lacónico.

— O cancro lá vai encontrando o que comer.

Parecia que, sempre que as mulheres se animavam a conversar sobre coisas de vivos, para melhor se passar o tempo e se sacudir a hirta cerimónia da velada, a agonizante inspirava com um ruído aterrador de ralo entupido, e era como se mandasse calar toda a gente, quedando-se depois num gargarejo sem fim tentando resolver se engolir ou cuspir um elixir que não se percebia se de vida, se de morte.

Faziam-se turnos para que morresse acompanhada, como mandam as regras da caridade, mas levavam-se sandes e bolachas para prevenir essa teimosia de viver. E já a ninguém apetecia carpir. Todos os olhares, a colectiva vontade indisfarçada, todo o ressentimento biliar presente no quarto, tudo lhe ditava a ordem clara de que morresse.

Na terceira manhã, a mulher que ficara de noite recusou ceder o lugar à que chegou para a render, segundo a ordem que se afixava na sacristia. Horas depois repetiu a recusa à do meio-dia. A rendição da tarde chegou um pouco mais cedo, fazendo-se

acompanhar pelas duas anteriores, interessadas em tirar a limpo os motivos de tanta dedicação à moribunda, e encontraram a sentinela da noite descabelada e exausta, mas obstinada em prosseguir a velada, e a solo.

Elas queriam saber o porquê, e ela não se decidia a engendrar uma mentira plausível nos lábios. Zangaram-se. As três tinham mais braços para empurrar e arrepelar por entre a escuridão densa da casa, mas a vontade da outra valia por quatro, esbofeteando para trás e para diante, num ritmo raivoso e aplicado, o que delas conseguisse apanhar, enquanto recuava de calcanhares até à mesa, onde embateu. Elas tinham a autoridade secular das mulheres da terra, o sagrado direito de tudo saber, mas ela tinha já a mão posta a jeito nas costas da cadeira, que lhes atirou de chofre. No momento seguinte, já elas a tinham pelos cabelos e, apesar do espernear, bem agarrada, de forma que as três conseguiram entrar no quarto da moribunda.

Só lá estavam os cheiros do costume, os unguentos dos falsos alívios, as loções da higiene, o fedor da doença, e Adelaide de olhos fechados, num momento de agonia plácida.

Então, sem aviso prévio, Adelaide começou a falar em tom de quem lê um edital: — Tu aí, sei que metes a mão na caixa do supermercado. E tu, sei o que guardas no fundo falso da terceira gaveta a contar de cima, no armário do quarto de arrumações. E, quanto a ti, sei o que aconteceu às três da tarde daquele domingo de Agosto, no ano em que quase não choveu.

E, embora a morrente se prostrasse de olhos fechados, imobilizada até ao pescoço pela moléstia e pelo casulo apertado do lençol de linho, as quatro agacharam-se em sincronia para não serem decapitadas pela lâmina ardente do seu indicador em riste.

— A ti, sei o que te morde a consciência mais do que tudo no mundo, e sei também se vale a pena que ta morda, ou não, porque sei onde está, quem é hoje e o que pensa ele de quem o deixou àquela porta.

«Na limusina alugada, continuava absorta nos dedos, encostada ao ombro do marido que, denotando distracção e falta de assesto, a apalpava por debaixo do vestido. Ajeitou-se no banco em seu auxílio, compreendendo que a esperava uma noite de núpcias sofrível. Mas não se importava porque o amava realmente.»

Uma noiva desesperada por chamar a atenção do seu noivo no dia do casamento; um homem plantado num jardim; uma prostituta de estrada que encontra a inesperada salvação numa cadela abandonada; uma moribunda indiscreta que, no leito de morte, atormenta as suas comadres; um violador de viúvas e de anjos; um poeta que procura adequar uma vida demasiado saudável à biografia que se espera dele — são estas algumas das personagens e situações que povoam o universo de *Quartos de Final e Outras Histórias*: um livro surpreendente, novo e visceral, irónico e carregado de pulsões, onde o sexo, a velhice, a esperança e a violência expõem retratos de vidas frágeis, pontuadas por momentos épicos.

ELSINORE

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-989-666-634-5



9 789896 686345

Ficção em Língua Portuguesa

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT